

O AMIGO DO PRESIDENTE

A INTIMIDADE POLÍTICA E COMERCIAL DE TEMER E JOSÉ YUNES, O EMPRESÁRIO QUE SURTIU COM UMA HISTÓRIA NA MEDIDA PARA SOCORRER O PEEMEDEBISTA

por ANDRÉ BARROCAL

Com a folia prestes a começar, uma amigão octogênario de Michel Temer despontou resplandecente na passarela. Em entrevistas, o empresário e advogado José Yunes disse ter recebido em seu escritório em São Paulo, na eleição de 2014, um “pacotinho”, a pedido de Eliseu Padilha, hoje chefe da Casa Civil. Definiu-se como “mula involuntária” do ministro e jurou ignorar o conteúdo do envelope, talvez dinheiro vivo. Mesmo relato feito, segundo ele, à Procuradoria-Geral da República em 14 de fevereiro, de forma “espontânea”. Palavra de Yunes.

Foi um relato “espontâneo”? Ainda que não tenha sido convocado, ele precisava esclarecer seu papel na nebulosa captação de alguns milhões de reais por parte de Temer junto à Odebrecht durante um jantar no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente. O repasto de maio de 2014 e seus desdobramentos foram citados



em uma delação da empreiteira, e o nome de Yunes apareceu como endereço de entrega de uma fatia da bolada destinada ao PMDB. Quando a delação de Cláudio Melo Filho, ex-lobista da construtora, se tornou pública em dezembro, Yunes chamou-a de “abjeta” e “fantasiosa”. Agora confessa parte da história. Por quê?

Proteger Temer, um camarada de cinco décadas, com quem mantém ligações políticas e certos negócios, é um bom palpite. A versão de Yunes deixa o enrolado Padilha ao léu, ao alcance de um pedido de investigação pela Procuradoria e da degola, mas é conveniente, embora arriscada, para Temer. Entre outras coisas, deu fôlego para o presidente tentar se desvencilhar de uma ameaça imediata pós-carnavalesca, a cassação no Tribunal Superior Eleitoral, em uma ação movida pelo PSDB contra a chapa de Dilma Rousseff eleita em 2014.

Nos relatos pré-momescos de Yunes sobre o “pacotinho”, o presidente é citado de modo ligeiro. O advogado diz ter avisado Temer, apenas isso, em fins de 2014 a respeito da entrega, por estranhar o prontuário daquele que teria sido o emissário de Padilha, o doleiro Lúcio Funaro, operador financeiro do réu Eduardo Cunha. Da cadeia onde está preso em Brasília no aguardo de julgamento

ANDRESSA ANHOLETE/AFPE ANDERSON RIEDEL



Temer e Yunes em visita às memórias ancestrais

A versão de Yunes parece alvejar Padilha ao citar ligeiramente o presidente na história do "pacotinho". Mas o enredo desenrolado pelo seu "psicoterapeuta político" complica bastante a vida de Temer

pelos crimes de ocultação de bens e lavagem de dinheiro, Funaro nega tudo e pede uma acareação com Yunes. Que se diz pronto para o *tête-à-tête*.

No dia em que surgiu na mídia, 23 de fevereiro, Yunes conversou com Temer no Palácio da Alvorada, moradia que o peemedebista agora não quer mais usar, após gastar 24 mil reais em uma reforma. No dia seguinte, o Palácio do Planalto divulgou uma nota a empurrar Padilha para o precipício. "Quando presidente do PMDB, Michel Temer pediu auxílio formal e oficial à Construtora Norberto Odebrecht. Não autorizou nem solicitou que nada fosse feito sem amparo nas regras da Lei Eleitoral." Tradução: o ministro que se vire, Temer nada tem a ver com "pacotinhos".

Dadas as íntimas relações da dupla Temer-Yunes, a aparente tabelinha não surpreende. Yunes, de 80 anos, e Temer, de 76, cursaram Direito na USP e foram deputados constituintes pelo PMDB paulista na segunda metade dos anos 1980. Sempre que possível, almoçam às sextas-feiras em São Paulo, no restaurante Parigi. Foi o caso de um convés-cote em 30 de setembro passado, ao lado de companheiros causídicos. Entre eles, Antonio Claudio Mariz de Oliveira, criminalista que Temer cogitou para o ministério da Justiça antes de nomear o deputado Osmar Serraglio, do PMDB do Paraná, notável defensor de "anistia" pós-*impeachment* para Cunha.

Em novembro de 2013, ainda vice-presidente, Temer foi em viagem oficial aos Emirados Árabes Unidos e levou na comitiva o parceiro Yunes, de origem árabe como ele. Uma foto da dupla por lá decora o escritório do empresário por aqui. Ao que consta, Yunes foi um dos privilegiados leitores de duas obras gloriosas do amigo quando elas ainda estavam no prelo.



O livro de versinhos *Anônima Intimidade*, de 2013, e a carta-lamúria na qual Temer declarou-se vice “decorativo” de Dilma, em dezembro de 2015, senha de sua adesão ao *impeachment*.

À *Folha de S.Paulo* de 2 de maio de 2016, Yunes definiu-se como “uma espécie de psicoterapeuta político” de Temer. A ascensão do amigo ao poder aconteceria dali a 10 dias, e ele alardeava que teria um cargo em Brasília, o de assessor especial da Presidência, enquanto cedia seu escritório para reuniões sobre o futuro governo. Yunes de fato chegaria ao Planalto com o amigo. Em julho, foi nomeado como um dos chefes de gabinete de Temer, aquele responsável por cuidar da agenda de reuniões e viagens do presidente. Dois meses depois, virou assessor especial, função que dá mais conselho e menos trabalho.

A camaradagem envereda para missões. Por articulação do amigo, Yunes assumiu o comando do PMDB paulistano em junho de 2016, para trabalhar na fracassada campanha da senadora peemedebista Marta Suplicy à prefeitura. Na eleição anterior para prefeito da capital, em 2012, tinha sido o porta-voz do presidente na coordenação da campanha de Gabriel Chalita, então pupilo de Temer. Chalita, vale lembrar, teria sido financiado com grana escusa graças a (mais) um inegável pedido de Temer, conforme delação de Sérgio Machado, ex-presidente da Transpetro.

A intimidade de Yunes e Temer extrapola a política e chega ao sedutor mundo dos negócios. O presidente possui quatro salas comerciais em uma área dita nobre de São Paulo, o Itaim Bibi. Juntas, valem 2,580 milhões de reais, um terço da fortuna pessoal informada por Temer à Justiça Eleitoral em 2014. Os quatro imóveis estão em dois prédios negociados por uma empresa imobiliária fundada

por Yunes, a Yuni Incorporadora, hoje administrada por dois filhos do advogado, Marcos e Marcelo.

Duas das salas, as mais baratas (190 mil reais cada uma, segundo o informe eleitoral de Temer), estão no Edifício Lugano, localizado à Rua Pedroso Alvarenga, 900. As duas mais valiosas (1,1 milhão de reais cada) no Edifício Spazio Faria Lima, situado à Rua Iguatemi, 151. Estas últimas são registradas em nome da Tabapuã Investimentos



e Participações, empresa aberta por Temer em novembro de 2010, fim de seu derradeiro mandato de deputado antes tomar posse como vice-presidente.

Via Tabapuã, Temer aluga suas duas mais preciosas salas para o banco BR Partners. E aqui começa uma obscura teia de relações, revelada por uma papelada divulgada em dezembro na internet em um *blog* intitulado sugestivamente de “Tabapuã Papers”. Essa documentação, mais de 600 páginas de cópias de juntas comerciais, balanços, procurações, foi obtida em órgãos oficiais logo após Yunes deixar a assessoria de Temer, fruto de sua menção em delação da Odebrecht.

O BR Partners tem entre seus sócios Andrea Pinheiro, filha de uma família cearense de banqueiros. Na papelada,

vê-se que empreendimentos da Yuni Incorporadora tiveram como beneficiários gente da família Pinheiro, como Nelson, tio de Andrea. E que um antigo banco da família, o Pine, financiou empreendimentos da Yuni. Em julho de 2016, um banco que seria coirmão do Pine no Panamá, o FBP Bank, pertencente a Nelson Pinheiro, foi alvo de uma fase da Operação Lava Jato, destinada a apurar a existência de um propinoduto. A força-tarefa suspeitava que o FBP teria sido usado como canal de distribuição de suborno oriundo de corrupção na Petrobras.

O BR Partners nasceu em 2009 com investimento de 20 sócios e 11 famílias, estas encarregadas de arranjar clientes entre pessoas de suas relações particulares. Entre as 11 famílias estava João Alves de Queiroz Filho, dono da Hypermarcas. Um ex-diretor da Hypermarcas, Nelson José de Mello, disse em delação na Lava Jato em 2016 que o peemedebista Eunício Oliveira, hoje presidente do Senado, recebeu 5 milhões de reais de propina disfarçada como doação na eleição de 2014. Eunício, conterrâneo de Nelson e Andrea Pinheiro, em 2014 concorreu ao governo do Ceará. Foi tesoureiro do PMDB por quase toda a era Temer no comando da legenda, de 2001 a 2016. E contemporâneo do presidente na Câmara dos Deputados de 2003 a 2010.

A propósito: por amizade com Eunício, Rodrigo Janot, procurador-geral da República, quer distância do caso Hypermarcas. Ao Supremo Tribunal Federal, declarou-se em setembro passado impedido de investigar o senador. Outra curiosidade. Um dia após Yunes ir à Procuradoria “espontaneamente” falar da grana arrecadada a partir de um jantar no Jaburu, Janot foi recebido por Temer no Planalto. Para quê, não se sabe.

De qualquer forma, o “xerife” deu uma forcinha para o TSE atazanar Temer em um processo tucano contra a chapa



LÚCIO FUNARO

Doleiro da confiança de Cunha, réu em Brasília, foi quem teria entregue o envelope no escritório de Yunes, o amigo de Temer



JOSÉ YUNES

Amigo e ex-assessor especial de Temer, diz ter recebido um pacote em seu escritório em 2014 a pedido de Eliseu Padilha



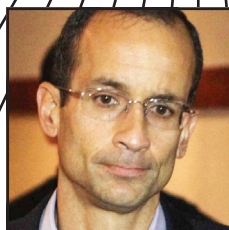
ELISEU PADILHA

"Preposto" do presidente, o chefe da Casa Civil ficou encarregado de canalizar 4 milhões de reais repassados pela Odebrecht a pedido de Temer



CLAUDIO MELO FILHO

Outro comensal do Jaburu, o ex-lobista da Odebrecht diz em delação que a parte distribuída por ordem de Padilha também abasteceria Eduardo Cunha



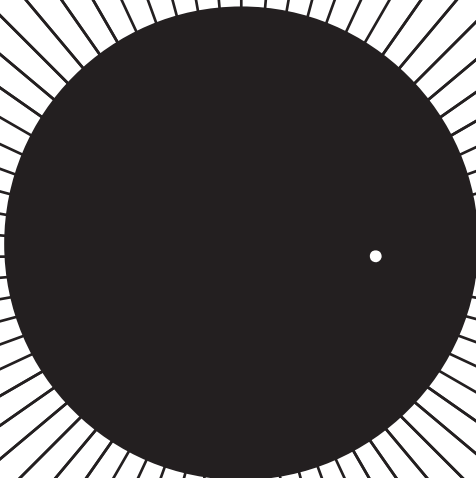
MARCELO ODEBRECHT

Presente ao jantar, o empresário definiu o valor de 10 milhões de reais como à altura do anfitrião e do PMDB



MICHEL TEMER

Pediu pessoalmente ajuda à empreiteira em maio de 2014 em um jantar no Palácio do Jaburu, residência oficial do vice-presidente



A amizade entre o presidente e o empresário vai além da política para alcançar os negócios. Uma papelada chamada de "Tabapuã Papers" reúne toda uma extensa documentação obtida após Yunes deixar a assessoria de Temer



Dilma-Temer. Com seu parecer favorável, o relator da ação, Herman Benjamin, decidiu ouvir delatores da Odebrecht sobre caixa 2. Marcelo Odebrecht, um dos comensais do jantar no Jaburu, foi interrogado na quarta-feira 1º. Segundo relatos, o empreiteiro disse não ter tratado de cifras com Temer. Essa parte operacional teria ficado com Padilha, pelo PMDB, e Melo Filho, pela construtora. O Planalto ficou tão feliz que divulgou uma nota a comemorar o fato de Marcelo confirmar “aquilo que o presidente Michel Temer vem dizendo há meses”.

Na segunda-feira 6, seria a vez de Melo Filho depor. Em sua delação, o ex-lobista diz que a partir do jantar no Jaburu ficou combinado um repasse da Odebrecht ao PMDB de 10 milhões de reais. Esquisito. Uma quantia quase irrisória do ponto de vista eleitoral. As campanhas presidenciais de Dilma e Aécio Neves em 2014 custaram mais de 300 milhões de reais cada. Uma vaga de deputado custou em média 6 milhões de reais. Será que a ajuda financeira pedida por Temer tinha mesmo fins eleitorais?

Conjecturas à parte, Melo Filho faz considerações em sua delação que apontam ser pouco crível a aparente tentativa de Yunes e Temer de isolar Padilha. Sua experiência em Brasília, afirma o ex-lobista, mostrou haver uma simbiose entre Temer e Padilha. O ministro, diz na delação, “atua como verdadeiro preposto de Michel Temer e deixa claro que muitas vezes fala em seu nome. Eliseu Padilha concentra as arrecadações financeiras desse

núcleo político do PMDB para posteriores repasses internos”.

O chefe da Casa Civil é homem de confiança de Temer há tempos. Foi nomeado para o cargo no Planalto por isso. Por indicação de Temer, iniciou o segundo mandato de Dilma, em 2015, à frente do Ministério da Aviação Civil. Quando Temer foi escolhido pela petista para chefiar a articulação política do Planalto, na



Por que Janot visitou Temer? Não se sabe.

esperança de evitar a cassação, foi levado como braço direito na missão.

O ministro é um tipo *sui generis*. No Congresso, mais de um parlamentar conta que na época da CPI do Dnit, em 2012, início da gestão Dilma, ele comentava que o PMDB ajudaria a reeleger a petista e depois infernizaria a vida dela. No governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, dirigiu a área dos Transportes por cinco anos, a dividir com Temer

nomeações no Porto de Santos, e deixou o cargo sob um festival de denúncias. Era chamado por Antônio Carlos Magalhães de “Eliseu Quadrilha”. Hoje é processado por grilagem de terras e alvo de um pedido de inquérito por crime ambiental.

A Comissão de Ética da Presidência o investiga também. No início de fevereiro, ele palestrou para funcionários da Caixa Econômica Federal e deu uma aula de fisiologismo, uma marca de Temer, orgulhoso de ter mais apoio parlamentar do que qualquer antecessor. Durante a montagem do governo, o renomado médico Raul Cutait chegou a ser cotado para ministro da Saúde, na condição de “notável”. Na palestra, Padilha explicou que o PP bateu o pé para indicar o deputado paranaense Ricardo Barros. Como o partido prometeu que, em troca, sempre votaria a favor de Temer, contou Padilha, “então o Ricardo será o notável”. É até hoje, valente defensor dos planos de saúde.

Detonado por José Yunes, o chefe da Casa Civil aproveitou que precisava tratar da próstata e tirou uma providencial licença médica. Saiu sem dar qualquer explicação sobre a história contada pelo camarada de Temer. Operado na segunda-feira de Carnaval, teria bastante tempo para arranjar alguma defesa em seu repouso nos Pampas, sua terra natal. A exemplo de Temer e Yunes, também é advogado, profissional especializado em criar narrativas. Sua licença iria até a segunda-feira 6, mas podia ser esticada. Por alegadas razões médicas. •

Melo Filho não acredita na eficácia da aparente tentativa de Yunes e Temer isolarem Padilha. Este, segundo o delator, "atua como verdadeiro preposto do presidente" e "muitas vezes fala em seu nome"